

PRATICANDO A PROSTITUIÇÃO: APRENDIZAGENS E MUDANÇAS

Marina **França** – UFMG - CAPES

Pós-doutoranda na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

Este artigo trata de contribuições de uma abordagem da aprendizagem de práticas sociais para o estudo da prostituição. Depois de trabalhar sobre a complexidade das trocas sexuais, econômicas e afetivas entre prostitutas e clientes, investigo a questão da prática da prostituição, apoiada principalmente na obra de Jean Lave (1991, 2011). Tal mudança de perspectiva evidencia transformações sócio-históricas da prática na zona boêmia de Belo Horizonte, e faz com que o foco da pesquisa deixe de priorizar a díade prostituta-cliente e se volte para as pessoas aprendendo na prática socialmente situada. Além de contribuir para o estudo do desenvolvimento de habilidades sexuais, emocionais e relacionais na prostituição, o enfoque nas práticas evidenciou a importância das trocas de experiência e dos conflitos entre as prostitutas. Especialmente, as histórias contadas entre as profissionais aparecem como fundamentais na aprendizagem do modo de trabalhar, de falar, de se portar e de lidar com os clientes. Ainda, as mudanças na participação das trabalhadoras se mostram conectadas a valores e saberes de diversos contextos em que elas transitam.

Palavras-chave: aprendizagem – prostituição – práticas sociais – habilidades relacionais.

PRATICANDO A PROSTITUIÇÃO: APRENDIZAGENS E MUDANÇAS

Introdução

Neste trabalho, abordo a prática da prostituição, tratando da aprendizagem de iniciantes, da circulação de saberes no ofício e das transformações pelas quais a própria prática vai passando ao longo das gerações de participantes. Faço isto através de uma releitura de dados de uma pesquisa anterior sobre transações afetivas e sexuais no comércio do

sexo¹, e de uma volta a campo na zona boêmia de Belo Horizonte para explorar os processos de aprendizagem. Apesar de ser uma pesquisa sobre uma atividade profissional, o enfoque na aprendizagem pode levantar questões importantes para pensar a metodologia de estudo sobre este tema, sua ampliação para práticas sociais, a aprendizagem de práticas sexuais e de seus sentidos, assim como as conexões que as pessoas realizam entre diferentes contextos em que transitam em sua vida cotidiana.

Em *Apprenticeship in Critical Ethnographic Practice* (2011), Jean Lave indica que a mudança na problemática teórica de uma pesquisa implica mudanças em suas premissas, instrumentos analíticos, conceitos e nas questões que ela coloca. A mudança do enfoque de minha análise da prostituição para a questão da aprendizagem enquanto prática social alterou as questões colocadas na pesquisa e, principalmente, a percepção dos fenômenos que se dão no contexto estudado, evidenciando relações e processos para os quais eu não atentava ou percebia de maneira distinta.

Além de pesquisar a aprendizagem das práticas sociais, Jean Lave aborda a pesquisa como aprendizagem. Ressalta a importância de se reler, refazer e repensar seu próprio trabalho de pesquisador(a) e etnógrafo(a) e de se tornar um(a) aprendiz de sua própria prática, sempre em transformação. A antropóloga considera que tanto os(as) participantes quanto as práticas e os(as) pesquisadores(as) estão em processo de transformação em um mundo em contínua mudança.

Em minha tese de doutorado, abordei as trocas afetivas, sexuais e econômicas vividas por prostitutas dentro e fora do contexto de trabalho. Ao longo de sua trajetória, fazem então uma série de articulações entre trabalho, maternidade, condições econômicas, prazer e sentimentos. Estão constantemente tentando tecer “boas conexões”, evocando o termo de Viviana Zelizer (2009) para o fato de que as pessoas intersectam constantemente atividade econômica e intimidade, buscando estabelecer boas combinações entre ambas.

Com alguns clientes, principalmente os fixos, podem se desenvolver afetos e trocas econômicas mais diversificadas e profundas. As habilidades relacionais e um trabalho sobre suas próprias emoções (Hochschild, 2005) tornam-se, então, especialmente importantes para realizar bem o trabalho, conquistar o cliente e também para manter

¹ Pesquisa de mestrado e doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris), baseada em trabalho de campo realizado, em períodos entre 2005 e 2009, na zona boêmia de Belo Horizonte, e com mulheres e travestis de outros espaços de prostituição de Belo Horizonte e no Bois de Boulogne (Paris).

uma “boa distância” (Jeantet, 2003) nas interações, desenvolvendo afetuosidade e, ao mesmo tempo, evitando demasiado envolvimento.

O deslocamento do aporte teórico da pesquisa não se mostrou incompatível com o trabalho anterior, mas tornou mais visível outros atores e processos. Tomando a aprendizagem da prática da prostituição como eixo de investigação, reli meus dados de campo, realizei novas entrevistas na zona boêmia de Belo Horizonte e, participando de atividades da Associação de Prostitutas de Minas Gerais, acompanhei reuniões e conversas informais entre profissionais, atenta às trocas de informações entre elas, assim como à maneira como as iniciantes aprendem as regras e os modos de trabalho, desenvolvem habilidades exigidas na prática sexual profissional e no atendimento ao cliente.

Uma vez que não há um período de preparação ou de treinamento para a prostituição e existe certa invisibilidade social quanto às práticas sexuais fora de meios audiovisuais, aparecem questões quanto à iniciação, aprendizagem das técnicas e aprimoramento das habilidades no cotidiano de trabalho. Tais questões e a observação nos hotéis da área estudada fizeram com que o enfoque nas relações entre prostitutas e clientes – muito forte em minha pesquisa de doutorado – se tornasse menos preponderante, e as interações entre as prostitutas ganhassem relevância. As interações e os retornos dos clientes são muito importantes na aprendizagem, mas esta acontece em grande parte também através dos conselhos e histórias que as prostitutas contam umas às outras, através da transmissão de conhecimentos e de exemplos e de contra-exemplos de maneiras de trabalhar e de fazer escolhas profissionais e pessoais.

Até então, eu evitava o tema dos conflitos entre prostitutas, encarando-os como semelhantes às relações de trabalho em outros empregos, mas acreditando que colocá-los em relevo na prostituição contribuiria para a estigmatização da atividade. No entanto, dentro de uma perspectiva de investigação da prática social como a proposta por Jean Lave (2011), a atenção para as trocas entre as prostitutas e para os discursos delas sobre as colegas permitiu a compreensão do conflito como parte da reprodução das participantes, de mudanças geracionais, e da transformação da própria prática da prostituição. Com isso, a prática cotidiana das prostitutas apareceu ligada à dimensão temporal e histórica da prática da prostituição na zona boêmia, conectada também a contextos sociais, econômicos, sexuais e políticos mais amplos e a suas mudanças.

A zona boêmia de Belo Horizonte

A zona boêmia de Belo Horizonte é uma região situada no centro da cidade, formada por hotéis de prostituição, até recentemente feminina² e heterossexual. As prostitutas alugam um quarto por dia, ou por turno (de 8 à 16 h ou de 16 à 23 h), e negociam diretamente com os clientes na porta de seus quartos. Em razão dos baixos preços do programa³ e da grande rotatividade de clientes, a zona boêmia tem sido retratada como um “shopping popular do sexo”⁴. O programa “básico”, mais procurado, dura no máximo quinze minutos. A maioria dos programas são, assim, rápidos e impessoais. Nesse sentido, a configuração da prostituição nos hotéis se aproxima do paradigma moderno-industrial, proposto por Elizabeth Bernstein (2007)⁵, caracterizado pelo foco nos serviços sexuais e pela importância da demarcação entre vida pública e vida privada das prostitutas.

No entanto, este não é o único lado do que acontece na zona boêmia. Existe uma série de diversificações de tempo, práticas e intimidades do programa. Como já apontei, a fidelização de clientes é muito comum e alguns clientes frequentam a mesma prostituta durante anos. Essas relações podem envolver diferentes tipos de intimidade e de afeto. Podem, em alguns casos, ultrapassar os muros dos hotéis, incluindo sair com os parceiros para passear, comer ou fazer o programa em outro local. As diversificações dependem dos limites de cada mulher e das interações que ela desenvolve com clientes específicos. Há clientes que procuram por uma “autenticidade demarcada”, mais típica de um paradigma da prostituição pós-industrial, buscando “uma forma autêntica e significativa de intercâmbio interpessoal» (Bernstein, 2008, p. 341), com fronteiras precisas.

Mesmo se os preços dos programas e do aluguel do quarto variam de um estabelecimento a outro, as regras de aluguel e dos programas costumam ser as mesmas, fazendo com que as práticas da zona boêmia estejam interconectadas. A zona boêmia tem também um ambiente familiar. Mulheres trabalham ali há mais de quinze anos e conhecem, com mais ou menos intimidade, muitas colegas de trabalho, funcionários,

² Apenas recentemente, um hotel começou a ser ocupado por travestis, suscitando indignação de algumas mulheres biológicas, preocupadas com a concorrência.

³ Grande parte das prostitutas e dos clientes provêm de classes desfavorecidas.

⁴ *Complexo de Diversões Guaicurus*. Disponível em: <<http://guaicurus.blogspot.com/2007/11/mais-de-2000-mulheres-sero-afetadas.html>>. Acesso 20 agosto de 2011.

⁵ Elizabeth Bernstein (2007) propõe três paradigmas da prostituição, de acordo com as épocas: modernidade incipiente, moderno-industrial e pós-industrial.

donos de hotéis, clientes e comerciantes do entorno. Além disso, existe certa circulação das profissionais entre os hotéis e contato entre funcionários e donos dos diferentes estabelecimentos.

O clima de familiaridade da zona boêmia talvez tenha raízes também no início do século XX, quando os hotéis funcionavam como cabarés; prostitutas e clientes se encontravam nos bares, dançavam, bebiam e conversavam. Segundo um proprietário de hotel da zona boêmia, a configuração mudou porque as mulheres preferiram não perder tempo e esperar os clientes diretamente nos quartos. A antiga configuração da zona boêmia está relacionada com a proposta de Bernstein de um paradigma da prostituição na modernidade incipiente, marcada por bordéis dirigidos por *madames* e um ambiente de socialização.

Os paradigmas de Bernstein são esquemáticos; a autora reconhece que as formas de prostituição anteriores ao paradigma pós-industrial não desapareceram totalmente, assim como a procura por emoções autênticas já existia anteriormente em alguns locais, como nos exemplos das cortesãs francesas e das *geishas* no Japão. Seu estudo destaca a configuração sócio-histórica da prostituição. Seguindo Bernstein, a prática da prostituição passa pelo modelo dos cabarés como local de socialização masculina e iniciação sexual; em seguida por um modelo de demarcação mais rígida entre as esferas privada e profissional e de delimitação das práticas sexuais realizadas, que poderíamos chamar de mais “taylorizado”; e mais recentemente, por uma valorização de práticas íntimas e da “autenticidade”, o que se insere na transição de um modelo de economia baseado na produção para o do consumo, estendido à vida privada.

Na zona boêmia, a fidelização dos clientes e a importância da afetuosidade não são recentes. As relações privilegiadas são, inclusive, marcadas por uma “cultura emocional brasileira”, que valoriza o carinho e a personalidade. Mas percebe-se nos hotéis uma tendência atual de busca de práticas e de relações vistas como mais “autênticas”, como na valorização do beijo na boca e da reciprocidade sexual no programa. As práticas da prostituição estão diretamente conectadas ao conjunto da vida social, como se percebe também pelas demandas e fantasias dos clientes, que variam de acordo com os sentidos atribuídos aos atos sexuais na contemporaneidade e com a circulação de material pornográfico.

Além de revelar valores e hierarquias atribuídos socialmente aos atos sexuais (Rubin, 2002), a prostituição reproduz outras hierarquias sociais. Hotéis mais caros, com melhor

infra-estrutura, são ocupados principalmente por mulheres jovens, de pele mais clara e dentro dos padrões estéticos socialmente valorizados. Têm também maior frequência de estudantes universitárias. Mesmo assim, há grande diversidade de perfis sócio-econômicos, “raciais”, educacionais e geracionais. Nos hotéis mais baratos, essa diversidade se acentua, com maior quantidade de mulheres acima de quarenta anos, mulatas e negras, e mulheres com sobrepeso.

Iniciando a prática

Em *Situated Learning: legitimate peripheral participation* (1991), Jean Lave e Etienne Wenger propõem uma análise descentrada da aprendizagem, que tire o foco da relação aprendiz-mestre e das noções de destreza e de pedagogia, e atente para a circulação de informações e para as relações de aprendizagem entre os participantes de determinada prática social. Os autores entendem que a aprendizagem é organizada pela práticas de trabalho e pelas possibilidades de engajamento dos participantes na atividade; a aprendizagem é “ela mesma uma prática improvisada”. (Lave e Wenger, 1991, p. 93)⁶

Na maioria dos lugares de prostituição, como é o caso na zona boêmia de Belo Horizonte ou na prostituição de rua, não há uma etapa específica voltada para o treinamento aprendizagem, nem uma relação de aprendiz-mestre. A aprendizagem acontece com a imersão na prática. Em minha pesquisa, apenas uma prostituta passou por uma preparação antes do primeiro programa, realizado através da mediação de uma agência que fazia anúncios para clientes em jornais. Algumas profissionais iniciam sem receber nenhuma orientação, como diz uma veterana da zona boêmia, ninguém lhe ensinou nada, fechou-se “entre quatro paredes” e foi aprendendo “na marra”.

Nos hotéis, acontece de novatas não saberem regras básicas do trabalho. É o caso de uma mulher que trabalhou sem cobrar dos clientes no primeiro dia, acreditando que estes acertavam o programa na gerência ou de mulheres que não sabiam que deveriam usar preservativo para realizar sexo oral. Quando uma mulher chega em um hotel pela primeira vez, os gerentes não sabem necessariamente se ela já havia realizado programas, e não fazem muitas perguntas sobre seu histórico, inclusive com uma preocupação de não serem invasivos. Quando sabem que a mulher está iniciando,

⁶ Tradução minha, “Learning itself is an improvised practice” (Lave e Wenger, 1991, p. 93).

muitos costumam lhe dar explicações básicas. Além disso, diversas novatas recebem indicações sobre as regras, as técnicas e a negociação com os clientes de conhecidas ou parentes que já trabalharam na prostituição.

Uma vez no quarto, as iniciantes se engajam na atividade. Orientam-se por suas experiências afetivo-sexuais pessoais e, em alguns casos, assistem vídeos pornográficos para terem ideias de como agir. Algumas dizem ter ficado intimidadas nos primeiros programas e, pelas suas narrativas, percebe-se que deixaram os clientes guiar as interações. Assinalam que se comportavam mais “como namoradas”, sendo mais afetivas e permitindo uma maior diversidade de atos no programa, até que aprenderam a colocar limites corporais, temporais e afetivos na interação. A narrativa muda; aprendendo o ofício e suas técnicas, são as profissionais que guiam o programa e administram o desejo e as demandas dos clientes.

Com a “repetição” (Gomes *et al.*, 2012) do programa, as prostitutas distanciam seu modelo de atuação de uma relação romântica para enquadrá-lo de maneira comercial. A quantidade de homens que recebem ajuda a criar um distanciamento afetivo. As profissionais desenvolvem habilidades para realizar as várias fases do programa, que passam pela negociação, pelo tirar e colocar a roupa, pela colocação do preservativo, pelo ato sexual e pela finalização. Os programas demandam atenção a possíveis perigos, destreza corporal, controle do tempo, análise do tipo do cliente e consequente adaptação do papel a desempenhar.

Realizam um “trabalho emocional” (Hochschild, 2005), seja adaptando a expressão de suas emoções, seja tentando mudar os próprios sentimentos, de maneira a realizar uma melhor performance e também tornar seu trabalho mais suportável. Tentam, por exemplo, neutralizar emoções como o nojo, associando o suor e o cheiro do cliente ao trabalho, ou estimular sentimentos de carinho e amizade pelos homens com quem interagem.

De acordo com Lave e Wenger (1991), mais que observarem e imitarem, iniciantes participam, absorvem e são absorvidos em uma “comunidade de prática”, em um sistema de atividades em que os participantes dividem compreensões acerca da prática e de seus sentidos. As informações e as conversas entre participantes ajudam a dar sentido ao que os aprendizes observam e fazem. A atividade e a compreensão estão conectados.

Na zona boêmia, as prostitutas estão continuamente observando outras profissionais interagindo com clientes nos corredores, trocando experiências com colegas, recebendo conselhos de prostitutas mais experientes e de funcionários na gerência ou nas cantinas dos hotéis. Algumas mulheres permanecem mais isoladas, mas em geral, formam-se grupos de afinidade, e as colegas frequentam os quartos umas das outras e fazem refeições juntas. As prostitutas que dormem no hotel⁷ costumam ter uma convivência mais intensa, embora as amizades passem às vezes por rupturas e reconfigurações.

A configuração mais ampla dos hotéis, ou seja, como funcionam, as relações conflituosas, cooperativas, amistosas e sedutoras entre as prostitutas e a direção fazem também parte do que as iniciantes aprendem. Os participantes aos poucos criam uma ideia geral do que constitui a comunidade: quem está incluído, o que fazem, como falam, trabalham e andam, como conduzem suas vidas, interagem etc. (Lave e Wenger, 1991) Durante o processo de aprendizagem, a prática muda, assim como as relações sociais vão se transformando.

Participando

“As relações sociais dos aprendizes dentro da comunidade mudam através de seu envolvimento direto em atividades; no processo, as habilidades dos aprendizes de conhecer e de compreender se desenvolvem.” (Lave e Wenger, 1991, p. 94)⁸

Participando do mundo da zona boêmia, as profissionais tornam sua prática mais elaborada e ajustada aos objetivos que se colocam na profissão: desenvolver “malandragens” para cobrar mais por um programa, satisfazer e fidelizar os clientes, ganhar e juntar dinheiro. Um dos principais saberes do local é extrair dinheiro do cliente através da sedução e da “lábria”. Uma técnica muito utilizada é propor um programa “caprichado”, “com mais calma”, com duração de meia hora, pois este programa é mais caro, sem aumento proporcional da atividade sexual, dando mais lugar a conversas. Prostitutas experientes costumam também ensinar técnicas para “ludibriar” o cliente, como fazer sexo vaginal fazendo o cliente crer que está fazendo sexo anal.

⁷ Há muitas mulheres provenientes do interior de Minas Gerais e de outros Estados, particularmente de São Paulo e do Rio de Janeiro. Grande parte das prostitutas da zona boêmia é mãe e chefe de família. Elas alternam períodos na cidade onde a família mora e na zona boêmia (períodos em que dormem no hotel em que trabalham).

⁸ Tradução minha, “The social relations of apprentices within a community change through their direct involvement in activities; in the process, the apprentices’ understanding and knowledgeable skills develop.” (Lave e Wenger, 1991, p. 94)

As técnicas para obter mais lucro são conjugadas com cuidado e carinho, de maneira a que os clientes voltem a procurá-las ou as indiquem a conhecidos. Prostitutas e clientes da zona boêmia afirmam que as qualidades mais importantes para o sucesso de uma prostituta são a simpatia, a educação e a afetuosidade.⁹ É preciso pois aprender também a fidelizar os clientes. Os fixos constituem uma fonte mais segura de renda às prostitutas, pois o “movimento de corredor” é variável ao longo do mês. Além disso, eles às vezes pagam mais pelo programa, dão presentes a elas ou as “ajudam” a pagar contas ou adquirir bens.

As relações com maior duração e intimidade podem ser mais ricas, mas tornam ao mesmo tempo as regras e os limites do programa menos explicitamente demarcados. Assim, além das habilidades relacionais, as prostitutas aprendem a se preservar e isso inclui aprender a discernir os sinais dos clientes (dentre os quais, sinais de ameaça) e enquadrar mensagens paradoxais (Bateson, 2002). Percebem, por exemplo, que muitas promessas dos clientes, como os pedidos de casamento, são inconsequentes, e entram no jogo de faz de conta.

Utilizar artefatos em uma atividade, compreender seu uso e significado, envolve mais que a aprendizagem de técnicas, implica acesso a seu modo de uso dentro de uma comunidade de prática. (Lave e Wenger, 1991) O preservativo é um dos principais instrumentos de trabalho das prostitutas. Mesmo se algumas já sabiam colocá-lo antes de começarem a fazer programa, desenvolvem técnicas para fazê-lo de maneira profissional, evitando o contato direto com o órgão sexual do cliente e suas secreções, incorporando o uso do gel lubrificante, e testando diferentes marcas dos produtos.

A prática toma sentido através da interação dos conhecimentos com a atuação cotidiana. Articulam-se percepção, sentimento, julgamento e ação de seu próprio corpo e de seus movimentos, do corpo do cliente, de seus instrumentos de trabalho e do ambiente. (Ingold, 2001). Tânia, uma jovem prostituta, ao iniciar a atividade, recebeu recomendações de sua tia, que era prostituta há quinze anos, quanto à maneira de colocar o preservativo. Em sua própria prática, Tânia foi também adequando o manuseio do instrumento e desenvolvendo conhecimentos corporais. Aprendeu a sentir quando o preservativo está seco e corre o risco de estourar, sendo necessário colocar

⁹ Em contextos internacionais em que há a presença de prostitutas brasileiras, nota-se, aliás, que essas, mais que prostitutas de outras nacionalidades, tentam conquistar os clientes através da afetuosidade. (Cf. Ribeiro *et al.*, 2005; Piscitelli, 2007)

mais gel. Elementos subjetivos interferem também em sua prática. O medo de Tânia de o preservativo se romper provoca um excesso de utilização de gel lubrificante, passível de invalidar a prevenção, como alertou uma veterana que estava ao lado na cantina de um hotel, explicando que não se deve exagerar a quantidade de gel, pois de acordo com o tamanho do pênis do cliente, o preservativo pode sair dentro da vagina da mulher.

Falando sobre a prática, as colegas provocam mudanças no modo de trabalho umas das outras. Lave e Wenger (1991) estabelecem uma distinção entre *falar sobre* a prática e *falar dentro* da prática.¹⁰ As participantes na prostituição falam *sobre* a prática, não a realizam em conjunto¹¹, não tendo assim acesso visual à prática das colegas. Se certos temas e técnicas não são abordados, as prostitutas podem não saber como suas colegas procedem ou não terem acesso a certas informações.

O preservativo feminino é um instrumento relativamente novo, que é disponibilizado na APROSMIG e em outras associações, mas que não foi amplamente incorporado na prostituição da zona boêmia. Muitas prostitutas são resistentes ao preservativo feminino, seja por sua estética, seja por incômodo físico ou por falta de familiaridade com o instrumento. Priscila explica que não utiliza o preservativo feminino no sexo vaginal, mas o aproveita no consolo quando os clientes pedem por sexo anal receptivo:

Eu não tenho confiança, e acho que eu também não sei usar direito, eu tentei algumas vezes, e não deu certo, aí eu fiquei com medo... e não usei mais. Mas descobri que para usar no consolo é maravilhoso! [...] Porque a masculina, coloca e na hora de tirar, tem que estar mexendo com papel, e tendo um cuidado danado pra não sujar a minha mão, né!? Eu morro de nojo!

A experimentação, com os materiais disponíveis e com outros fatores do ambiente, são importantes no desenvolvimento da prática. Ao mesmo tempo, as práticas e os instrumentos são dotados de sentido de acordo com o valor social que lhes são atribuídos tradicionalmente. Os significados sociais e pessoais ligados a cada ato sexual variam historicamente (Vance, 1992) e afetam a decisão dos tipos de programa que as trabalhadoras do sexo aceitam ou não realizar. Suas escolhas são influenciadas pelos valores que elas atribuem aos atos sexuais de acordo com seu pertencimento social e com o contexto sócio-histórico de maneira mais ampla, com sua própria história e pelos sentidos atribuídos às diferentes práticas sexuais no meio da prostituição.

¹⁰ Ítalo no original.

¹¹ Com exceção de programas realizados com duas profissionais.

Nas sociedades ocidentais contemporâneas, o sexo anal receptivo é carregado de um “excesso de significação” (Rubin, 2002) para ambos os sexos. Dentro desta lógica, os clientes que pedem sexo anal receptivo têm em geral sua masculinidade questionada pelas prostitutas. O sexo anal penetrativo na profissional também é alvo de controvérsias. Algumas delas reiteram que essa prática desvaloriza a mulher e consideram que o sexo anal é um elemento que distingue, mesmo as prostitutas, entre “honradas” e “vulgares”.

As práticas e seus sentidos podem sofrer transformações durante a carreira na prostituição. Muitas prostitutas assinalam que desenvolvem conhecimentos sobre o corpo e sobre a sexualidade, tanto masculinos (inclusive, aprimorando técnicas para fazer o cliente ejacular mais rápido), quanto sobre si mesmas. Uma veterana fala do aumento do conhecimento sobre seu próprio prazer adquirido na prostituição:

Daniela: Fazendo programa você vai vendo muito, aprendendo muito, você vai se soltando mais. É... aprendendo a conhecer si própria, porque tem muita mulher, mulheres casadas ou solteiras, que não se conhecem, não se tocam, não sabem onde é o ponto em que ela tem mais tesão, onde ela sente mais a sensação. Entende? E aqui, geralmente, a mulher querendo ou não, ela acaba se tocando, ou o homem acaba tocando pontos assim, que ela vai descobrindo: ‘Nossa, é ali! Ali que eu sinto mais tesão, se fizer isso, eu vou sentir mais tesão!’ Entendeu? E assim você vai aprendendo... muitos anos de estrada!

Além da importância da repetição da prática e das conversas com colegas e clientes, o conhecimento sexual é favorecido por as prostitutas se tornarem mais interessadas em ler cartilhas de saúde e revistas femininas, e procurarem com frequência médicos, principalmente ginecologistas. O saber médico interfere no modo como realizam as práticas sexuais e aparece na justificativa de algumas por não fazerem programa com sexo anal ou na descrição de suas características corporais, de posições sexuais que adotam ou de produtos que utilizam.

Em seu cotidiano, as pessoas participam de diversos contextos sociais e estabelecem conexões particulares entre eles (Dreier, 2008) Os contextos que as prostitutas frequentam se conectam. O conhecimento sexual que trazem de sua vida privada é utilizado nos programas, da mesma forma que aqueles que adquirem não ficam restritos ao trabalho. Elas narram como sua prática e expectativas sexuais com os parceiros pessoais são afetadas pela realização do trabalho sexual, de maneira positiva e negativa: melhoram sua performance, descobrem ou aprendem mais sobre seu prazer sexual, mas também algumas passam a sentir dificuldade de dissociar o sexo do dinheiro. Não entrarei nesta questão aqui, mas as mudanças de seus conhecimentos sobre os homens

vão além da questão sexual, fazendo-as reinterpretar suas experiências amorosas passadas ou temer novos envolvimento.

Histórias de práticas

Na zona boêmia, embora haja certa concorrência e disputa entre as prostitutas, há cooperação em relação ao desenvolvimento de competências e circulação de informações sobre clientes-problemas. Pode-se imaginar que nem tudo é falado, tanto pela concorrência econômica, como por uma questão de auto-estima, mas também pela reprovação pela comunidade de algumas práticas, como fazer programa sem preservativo ou cobrar menos que o mínimo estipulado. Mas já presenciei muitas vezes as prostitutas contando às outras suas técnicas de trabalho e de sedução dos clientes. Uma veterana que tem fama de estar sempre com o quarto ocupado contou a duas colegas que para fazer seus clientes se sentirem especiais, fala a eles que teve um orgasmo no programa, mesmo se é uma técnica que, se disseminada, perde seu efeito.

Em entrevistas com mais de uma prostituta ou em reuniões¹², é comum que uma delas comece a contar um caso e as outras presentes emendem com suas próprias experiências. As cenas sugerem uma ostentação do domínio da prática. Os temas mais comuns relacionados aos programas são histórias que enaltecem seu poder de sedução e falam da atração e dos afetos dos clientes por elas; salientam sua esperteza; revelam seu prazer sexual com alguns clientes; ou narram alguma “inadequação” ou preferência sexual “bizarra” dos clientes, atribuindo-lhes uma sexualidade desviante e desqualificada.

O modo como narram a história é performático e incita muitas vezes o humor. O riso pode funcionar para tirar a carga ansiogênica de questões delicadas, como a sexualidade, tornando os casos tragicômicos. (Molinier, 2005) Além disso, os casos das prostitutas afirmam e encenam sua competência, seu saber profissional e uma atitude de poder frente ao cliente. Seja porque fascinam ou ludibriam os clientes ou porque tiram proveito sexual de alguns programas, os casos não vitimizam as prostitutas - ao contrário, ressaltam seu controle da situação.

¹² Frequentei reuniões com prostitutas no Grupo de Apoio à AIDS de Minas Gerais (GAPA-MG) em 2005, em 2007 e em 2009. Além disso, participei de reuniões na Associação de Prostitutas de Minas Gerais de 2012 a 2014.

Através de tais histórias, elas ensinam às outras mulheres o modo como trabalham, que postura adotar frente aos clientes e ao preconceito fora dos hotéis, como lidar com os clientes para conquistá-los e ainda como tomar decisões em situações complicadas (Jordan, 1989; Lave, 1991). As histórias mostram ainda uma prática linguística, como falar (*how to talk*, Lave e Wenger, 1991) como uma prostituta da zona boêmia, ilustrando o modo de fala e o vocabulário, com termos relativos às práticas sexuais, mas também conectados à afetividade, central na prostituição na zona boêmia.

De acordo com Lave e Wenger (1991, *italico no original*), *falar sobre* a prática assinala o pertencimento do membro e reforça formas de memória e de reflexão da comunidade. As veteranas da zona boêmia têm um modo mais elaborado de fala, fazem referência ao passado da zona boêmia e mais uso do humor, com frequentes alusões sexuais. Reproduzindo um caso, tratam correntemente os clientes com termos afetivos como “amorzinho” ou “meu bem”.

Em uma entrevista com duas colegas, Eduarda, mais velha, contou que ensinou Fabiana a não tratar os clientes com brutalidade, “já falei pra ela, ela era muito bruta com os clientes. Cliente não gosta de gente bruta.” Mostrou como se deve proceder para tratar o cliente com carinho e, ao mesmo tempo, não se deixar abusar: “Oh, meu amor, está me machucando, não é assim que se pega em mulher não, mulher é igual flor. Se você apertar a flor, ela não murcha!? Então, você tem que pegar com carinho.” Há uma cultura de transmissão de conhecimentos que acontece inclusive com os clientes, as prostitutas os orientam na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis ou nos modos de se relacionar com uma mulher, dando mesmo conselhos de casamento.

Conflitos e reprodução da prática

Embora a competência implique aprender a se portar como uma prostituta, a identificação como prostituta é contraditória. Muitas mulheres não querem adotar essa identidade estigmatizada e afirmam estarem apenas de passagem pela atividade. Algumas jovens veem o exemplo de veteranas que não adquiriram bens e não conseguiram sair da prostituição como um contra-exemplo. Temem envelhecer na prostituição, principalmente tendo em vista que, com a idade, há o risco de queda na demanda de clientes. Isso levanta uma questão relativa à própria aprendizagem: como se guiar pela prática das mais experientes se elas são, em geral, o exemplo que as mais

novas não querem seguir? As iniciantes exprimem a intenção de focar em seus objetivos econômicos e, algumas, de não se relacionarem com as colegas.

O ciclo de reprodução na zona boêmia é variável. Há mulheres que saem rapidamente, algumas voltam após uma ruptura da conjugalidade, e outras trabalham nos hotéis durante muitos anos. A entrada de iniciantes ameaça a clientela das veteranas, mesmo se estas últimas investem sobretudo em clientes fixos, e as novas gerações provocam o deslocamento das mais velhas para hotéis mais baratos. O conflito de gerações aparece em críticas das mais velhas aos modos “vulgares” das mais novas, como o uso de apelo sexual e nudez para atrair clientes, e a realização de práticas sexuais que supostamente as veteranas não faziam.

Até a década de 1980, as gerentes dos hotéis eram sobretudo mulheres e elas transmitiam às prostitutas a quem alugavam quartos preceitos morais e modelos de comportamentos a serem seguidos. Não deixavam as mulheres circularem nuas nos corredores e recomendavam que saíssem dos hotéis bem vestidas. Algumas indicações destas gerentes continuam a circular na zona boêmia, como a advertência justamente para não desenvolver amizade com outras trabalhadoras do sexo.

Uma antiga gerente, D. Leda, é lembrada por muitas mulheres por suas orientações. Pregava na parede da gerência dez mandamentos do trabalho no hotel e era rigorosa com os “bons modos” das prostitutas. Levava as mulheres a economizarem, depositando diariamente o dinheiro que ganhavam no banco. Além disso, aconselhava as mulheres a não serem rude com os clientes mais pobres, já que eles podem ser mais generosos que clientes abastados – o que continua sendo repetido por muitas prostitutas na zona boêmia.

Há persistência de valores e práticas nos hotéis, ao mesmo tempo em que estes foram afetados por mudanças relativas a questões de gênero, sexualidade, consumo e classe nas últimas décadas. A mudança da participação das iniciantes não acontece em contexto estático (Lave e Wenger, 1991); as práticas sexuais e relacionais estão em mudança na comunidade da zona boêmia e no mundo em geral. As práticas vão sendo reproduzidas e modificadas. Coexistem práticas distintas nesse local de comércio do sexo, e a diversidade de gerações, de perfis e de projetos das prostitutas torna a zona uma interessante “comunidade de prática”.

As histórias contadas entre as prostitutas ajudam as colegas a criar repertórios de ação, transmitem valores da zona boêmia, a postura e a linguagem que uma profissional deve adotar. As iniciantes se familiarizam com as práticas e seus sentidos, adotam um modelo de profissional (por exemplo, mais carinhosa ou “safada”) e, ao mesmo tempo, desenvolvem um estilo próprio, de acordo com suas próprias particularidades e com a percepção de seus efeitos sobre os clientes.

O estudo da aprendizagem implica olhar a prática como um todo, a participante mudando – acurando seus movimentos corporais, suas habilidades relacionais, seus repertórios – seu acesso aos usos e sentidos atribuídos à prática dentro da comunidade, às construções e transformações das relações entre as pessoas, conectadas também a outros contextos nos quais circulam.

Referências bibliográficas

BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, Branca; GARCEZ, Pedro (Orgs.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo : Edições Loyola, 2002 [1972]. p. 257-264.

BERNSTEIN, Elizabeth. O significado da compra: desejo, demanda e o comércio do sexo. *Cadernos Pagu*, Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, vol. 31, 2008. p. 315–362.

_____. *Temporarily Yours: Intimacy, Authenticity, and the Commerce of Sex*. Chicago e London: The University of Chicago Press, 2007.

DREIER, Ole. *Psychotherapy in everyday life*. Cambridge : Cambridge University Press, 2008.

GOMES, Ana Maria Rabelo *et al.* *Learning and culture ; learning [the] culture in Brazil*. Trabalho apresentado no American Anthropological Association Meeting, São Francisco, 2012.

HOCHSCHILD, Arlie. *The commercialization of intimate life: notes from home and work*. Berkeley: University of California Press, 2003.

INGOLD, Beyond art and technology: the anthropology of skill. In: SCHIFFER, Michael, *Anthropological perspectives on technology*, Albuquerque: University of New Mexico Press, 2001. p. 17-31.

JEANTET, Aurélie. L'émotion prescrite au travail. *Travailler*, Paris, n. 9, 2003. p. 99-112.

JORDAN, Brigitte. Cosmopolitical obstetrics: Some insights from the training of traditional midwives. *Social Science & Medicine*, n. 9, vol. 28,1989. p. 925-944.

LAVE, Jean. *Apprenticeship in critical ethnographic practice*. Chicago e Londres : University of Chicago Press, 2011.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. *Situated learning: legitimate peripheral participation* Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

MOLINIER, Pascale. Le care à l'épreuve du travail. Vulnérabilités croisées et savoir-faire discrets. In: PAPERMAN, Patricia e LAUGIER, Sandra (Orgs.). *Le souci des autres, éthique et politique du care*, Raisons Pratiques, n. 16, Paris, 2005. p. 299-316.

RUBIN, Gayle. Penser le sexe. In : *Marché au sexe*, Paris, EPEL, 2002.

VANCE, Carole. Pleasure and Danger: towards a politics of sexuality. In : VANCE, Carole (Org.), *Pleasure and Danger: exploring female sexuality*. Londres : Pandora, 1992. p. 1-27.

ZELIZER, Viviana. Dinheiro, poder e sexo. *Cadernos Pagu* (32), Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2009, p. 135–157.